



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Ciências Médicas “Zeferino Vaz”

Departamento de Medicina Preventiva e Social

Ana Paula de Farias Ruas

**“COM-VIVÊNCIA”: DE DOM QUIXOTE À REALIDADE DE UMA APRIMORANDA EM SAÚDE
MENTAL.**

Campinas

2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Ciências Médicas “Zeferino Vaz”

Departamento de Medicina Preventiva e Social

Ana Paula de Farias Ruas

**“COM-VIVÊNCIA”: DE DOM QUIXOTE À REALIDADE DE UMA APRIMORANDA EM SAÚDE
MENTAL.**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Aprimoramento Profissional Saúde Mental, como requisito para obtenção de título de “Especialista”, sob orientação da prof.^a Dra. Rosana T. Onocko Campos e do prof^o Ms. e Doutorando Alberto Giovanello Diaz.

Campinas

2010

Agradecimentos

Agradeço á todos que de alguma forma fizeram parte deste momento intenso e de muita aprendizagem na minha vida.

A minha família, pai mãe Juba e Vivi, por estar sempre presente e me apoiarem todos os momentos da minha vida.

A pessoa que me acolheu em Campinas, escutou meu primeiro dia de trabalho e outros dias difíceis com paciência.

Aos meus amigos de aprimoramento, companheiros de um ano de intensa aprendizagem, por dividir as inquietações de estar no “lugar de aprimorando”, em especial, Dani, Tânia e Helena, com quem pude contar em momentos diversos ao longo deste ano e tive oportunidade de me aprimorar como amiga.

A Rosana e Tato, por nortearem meu caminho fazendo-me entender a necessidade de me aprimorar permanentemente, e pela possibilidade de dividir as angústias que este processo traz.

A equipe do Caps Esperança, com a qual aprendi a importância de trabalhar em equipe, em especial Bruna, Camila e Renata, que ouviram minhas inquietações para além do trabalho.

Aos usuários que contribuíram diretamente para o meu crescimento pessoal e profissional a partir de nossas convivências.

Sumário

Introdução.....	5
Idealizações sobre a viagem.....	6
Trajectoria.....	7
-Visita: a primeira impressão.....	7
-A chegada.....	7
Convivência “com-vivências”.....	9
-Os acasos... ..	9
-Os casos... ..	13
Grupos, dois momentos diferentes.....	16
“Meio”	18
Entre casos e acasos com a equipe.....	19
Encontros em reunião.....	21
Reflexões sobre a viagem.....	23
Arrumando as malas para a volta.....	25
Bibliografia.....	26

Introdução

"Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador."

Clarice Lispector

Escrever um trabalho de conclusão para uma experiência como esta é uma tarefa bastante tormentosa. A necessidade de dizer algo que seja tão interessante, tão inovador, paralisou-me. Esta mesma sensação, por vezes, esteve presente nas minhas ações ao longo do ano, refletindo no meu modo de estar no Caps.

Não tenho pretensões de análises sobre a equipe nem auto-análise, contudo, repensar a prática que tomo como minha no trabalho, é uma tarefa diária que vou me esforçar para aprimorar sempre.

“Estar aprimorando” é um lugar privilegiado porém difícil. Fazer parte de um serviço e não pertencer a ele é uma especificidade típica do aprimoramento que traz uma angústia a quem está neste papel. O aprimorando pode escolher o que fazer, no entanto, escolher também não é algo simples.

A convivência no Caps foi um tema que esteve presente em todo momento desta minha experiência. Com isso, esquadrinhei um itinerário para tentar expressar parte de minhas

vivências, enfocando as relações que se construíram a partir do meu contato com os usuários e com a equipe.

Idealizações sobre a viagem

*Sonhar o sonho impossível,
Sofrer a angústia implacável,
Pisar onde os bravos não ousam,
Reparar o mal irreparável,
Amar um amor casto à distância,
Enfrentar o inimigo invencível,
Tentar quando as forças se esvaem,
Alcançar a estrela inatingível:
Essa é a minha busca.*

(Dom Quixote)

Quando comecei o aprimoramento imaginava que estava em minhas mãos o poder de criação grandiosa capaz de modificar e contribuir profundamente no serviço onde fosse fazer minha prática. Uma ideia construída a partir de meus interesses pessoais, mas também segundo expectativas dos serviços e instituições envolvidas em torno do programa de aprimoramento.

É com esse espírito que utilizo acima as palavras de Dom Quixote, de Cervantes, para expressar o que sentia no início do ano de 2010. Foi como se este personagem pairasse sobre a personagem “Aprimoranda”, e Sancho Pança seria protagonizado por meus

colegas de aprimoramento, onde as aventuras vividas seriam nossos dias de trabalho. Nessas incursões, nossas fantasias são desvendadas pela realidade, e a complexidade de estar num serviço de saúde mental evidenciam a impossibilidade de existir heróis (ainda bem!). Sobre fantasia

“A fantasia é uma ação que se organiza seguindo os contornos do objeto pulsional pela qual o sujeito se precipita, foge para mais adiante. Assustado com a ocorrência, angustiado diante do enigma di desejo do Outro, o sujeito se restabelece com uma imagem que lhe vai servir de apoio. Pois, sendo a fantasia uma construção, não se pode construí-la do nada, são necessários materiais e modelo”. (NASIO, 1980 p. 72).

Penso que uma alusão à obra de Cervantes seja um tanto pretensiosa, assim como meu ideal acerca do papel do aprimorando. Por isso, ao longo deste trabalho procuro dividir alguns momentos em que estive nos “entres” do meu imaginário e a realidade, aspirações e faltas de desejos. Momentos que estiveram na minha bagagem por este caminho.

Trajetória

- Primeira impressão: a visita.

Na recepção do Caps havia um cartaz no mural avisando o dia da oficina de Improvisação Cênica. Um papel branco com letras a mão, não era bonito, mas combinava com o resto

da casa em reforma. Tudo pareceu precisar de um pouco de cor, e aquilo me instigava. O que o Caps Esperança poderia vir a ser?

A chegada...

No meu primeiro dia de trabalho, fui surpreendida por uma usuária “famosa” no Caps, que tratou de me anunciar, aos berros, aos trabalhadores que estavam dentro da sala de equipe. A sala estava trancada, assim como outros espaços daquele lugar.

Pareceu que as pessoas não esperavam por um aprimorando, ou apenas não sabiam ao certo a hora que chegaria, e assim, entre sorrisos discretos de cumprimento, olhares de relance, um ou outro “seja bem-vinda”, tratei de sair daquela sala, rapidamente, e fui me perder pelos espaços do Caps e me apresentar às vidas que perambulavam por ali.

Os barulhos de estaca, furadeira, televisão ligada, abafavam as vozes das pessoas. Lembrei-me dos filmes mudos em preto e branco de Chaplin. Parecia não existir conversas, além de uma pergunta ou outra entre duplas: algum profissional de passagem e algum usuário. Em seguida pude ver essas duplas conversando reservadamente, espalhadas por vários espaços.

Não ter a chave significou estar no espaço da convivência. Lugar que atravessou de muitas formas a minha trajetória durante o ano. E quando voltava para casa pensava muito sobre o sentido para aquelas pessoas estarem ali. O que faziam? O que sentiam? O que desejavam? E sem que eu percebesse, eram essas mesmas perguntas que eu não

sabia responder sobre mim. Dessa maneira, escolhi “estar com” e na convivência com os usuários, a partir da observação de que ali era um lugar onde se davam acontecimentos dignos de serem apreciados por sua sutileza.

Foi sugerido que eu entrasse em alguma mini-equipe: super-poderosas, cabeçudas ou moderna. No entanto, eram tantas histórias de tantas pessoas que não conseguia optar por pertencer a nenhum grupo em específico que não o da convivência. E como bom Dom Quixote, minha vontade foi a de ser: “super-poderosamodernacabeçuda”. Estava com sede de aventuras.

Convivência “com-vivências”

- Os acasos...

A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida. É preciso encontrar as coisas certas da vida, para que ela tenha o sentido que se deseja. Assim, a escolha de uma profissão também é a arte do encontro, porque a vida só adquire vida, quando a gente empresta a nossa vida, para o resto da vida.

[\(Vinícius de Moraes\)](#)

A palavra “convivência” é bastante utilizada no Caps e incluída como um instrumento/dispositivo de tratamento, frequentemente incluído no Projeto Terapêutico Singular para as pessoas que se tratam neste local. Segundo o dicionário Aurélio, convivência significa: ato ou efeito de conviver, convívio, companhia. Trato constante, diário. Viver em comum com outrem em intimidade, familiaridade.

Estar num serviço como o Caps me fez refletir acerca dos tipos de convívios que se passam ali, bem como a necessidade, a validade de estar determinado a certos sujeitos, grande parte psicóticos, tantas horas de convivência diária. Sobre esses sujeitos, Oury (1991) destaca que o psicótico tem uma confusão entre o que pertence a si mesmo e ao outro, assim, uma composição que dificulta a interação com os demais, a sua convivência.

A palavra ambiência é utilizada frequentemente como sinônimo de convivência, no sentido de remetê-las também ao espaço físico onde se dá o convívio humano. Além disso, Winnicott nos coloca o Ambiente suficientemente bom, remetendo-o basicamente ao cuidado humano, portanto, não perfeito, capaz de adaptar-se para oferecer condições psicológicas e físicas favoráveis às necessidades singulares de quem está sendo cuidado. Araújo (2005). Pergunto-me se essas definições me soam familiares quando penso no ambiente do Caps: será que este serviço consegue cumprir este papel de facilitador para que o ambiente contemple as singularidades?

Considerando a complexidade da pergunta e a dificuldade como um fator instigante em minha formação, o local que escolhi permanecer grande parte do meu tempo foi justamente esses espaços. Fui procurando por contatos, por meio de encontros intencionais ou ao acaso, abordando quem se deixasse aproximar. Sobre esta forma de estar, Oury (1991) nos diz que “é necessário ser capaz de aceder a um certo lugar, uma

certa 'paisagem', ser sensível ao pequeno detalhe, mesmo escondido, mesmo insólito, ser sensível à emergência, ser sensível àquilo que tem pathos.”

Dessa maneira, por esses motivos um tanto conscientes e outros tantos não, além de outros movimentos produzidos na minha relação com a equipe, meu modo de intervenção “terapêutica” foi se produzindo no caso-a-caso, de uma maneira sutil. Norteada pela escuta a que se propõe a Clínica Ampliada¹, acreditando ser uma clínica mais possível no serviço público de saúde mental. Utilizando um setting individual para além dos moldes tradicionais da clínica.

Com isso, resgato na minha prática clínica a importância de usar outros mediadores que não a palavra. A esse respeito, (Onocko Campos, 2001) comenta que “há coisas de que os loucos não falam. Não podem falar. Todavia, as desenham, as amassam, as vomitam.

Partindo da suposição de que a convivência como um coletivo, espaço onde se deram diversos encontros, tentei lançar mão de minhas lembranças de vivências que de alguma forma pudessem servir(?), sem que a preocupação principal fosse a de intervir clinicamente. Então, fui fazendo pequenas ações, buscando enxergar detalhes. Foi assim que desenhei com L.C. máquinas para proteger a cabeça de ataques, preparei leite com Nescau para reconstituição dos órgãos internos, ou as idas ao Taquaral para comer cachorro-quente com L., ou ao escolher roupas para S. trocar após o banho, olhava as plantações de cebolinha de dona N., ou caminhava de braços dados com I. quando pensava que o Caps era um cemitério.

¹ Clínica ampliada a partir do conceito de Gastão Wagner, onde há um compromisso com o sujeito em sofrimento em sua complexidade e singularidade, assumindo um compromisso ético e de responsabilização.

A esse respeito, Moura (2003), ao citar Oury, fala de uma formação de grupos em espaços não formais, a partir de relações dinâmicas existentes nos coletivos numa dimensão de efemeridade, “um grupo que se forma para proceder à análise das relações em torno do acontecimento evidenciado e que, após esta reunião, ele já não é mais, ele se desfaz (...). É um grupo relâmpago”.

Esses momentos relâmpagos iluminam minha reflexão acerca do significado de função diacrítica de que o autor menciona. (Id.) Os encontros que foram acontecendo, diariamente no Caps, foram escolhidos, por meio de uma busca atenta aos detalhes, ainda que indistintamente, em alguns momentos, e apesar do pseudo-marasmo que se faz ver na convivência. Considerando que este local apresenta-se em cores desbotadas, custa enxergar a face do sujeito, em sua feição singular, provocando um alheamento diante de si e do outro, havendo um risco do equipamento de se tornar insensível às singularidades. Oury (1986, p. 10) nos diz que:

“não é uma lógica qualquer, ‘mas uma lógica que respeita uma quase infinidade de fatores, para cada um. Esta quase infinidade de fatores deve ser tomada em consideração, mas as estruturas habituais não estão aptas a se encarregar dela’. Pois o diacrítico tem justamente por função ser algo que não sucumba ao corriqueiro, ao indiferente, e que possibilite a criação e a manutenção de processos que produzam a distintividade, procurando abranger o máximo desses fatores e de diferentes planos no cotidiano da vida do equipamento”.

E foi tentando ter este olhar para o que me parecia singular que buscava por tentativas de instaurar algo de novo no ambiente da convivência. Uma delas, foi quando A. e eu fabricamos uma caixa de sugestões para o Caps. Foi discutido por várias vezes na assembléia sobre a função desta caixa. Nos primeiros dias, as sugestões que surgiram eram diversas: mais respeito ao colegas, bailes no Caps, não estragar a horta, consertar o trinco do banheiro, arrumar uma namorada, entre outros tão diversos. Nenhum pedido

feito pelos trabalhadores da equipe, nem meu. E após algumas semanas a caixa estragada em cima da lareira me constrangia nas assembleias.

Mas dessa ideia da caixa de sugestão surgiu o interesse de R., uma usuária que estava no leito-noite, de fazermos uma caixa de correio elegante para ficar na sala, para que, segundo ela, as pessoas conversassem mais entre si. Essa ideia caiu como um insight para mim, a ideia de R. traduzia meu desejo de haver vida ali. Lembro-me da ansiedade de R. no dia de abrir a caixa e ler os recados, seguido de frustração em ver apenas dois bilhetinhos, escritos por ela. R. foi embora. A caixa “desapareceu” quando voltei do feriado. Nunca perguntei onde, ou quem sabia onde tinha ido parar.

Em outros momentos minha sensibilidade estava confusa, e foi assim que pensei também no que aprendi com a definição de vínculo e, como não soube utilizar certo dia, quando estava mais uma vez sentada no sofá da sala. Fui chegando devagar por vários dias, puxando papo, até que sentei do lado de C. e nos falamos:

- “Eu: O que você costuma fazer aqui no Caps?”

- C. : tratamento.

- Eu: E o que você gosta de fazer? Ela foi ficando séria, e eu insisti: Você gosta de algum grupo?

- C. : Não.

- Eu: E assistir TV?

- C. : Olha, eu lavo louça, ajudo aqui todos os dias!”.

Percebi que tinha sido invasiva. Provavelmente eu desconhecia as razões de C. passar todos os dias sentada, com o olhar ao longe. Não consegui tentar desvenda. Espera ativa ou ação sobre o sujeito?

- Os casos...

Impossível não dedicar um lugar especial para algumas pessoas que convivi no Caps. Talvez eu possa utilizar uma metáfora sobre grupos relâmpagos e meus encontros na convivência, ao dizer que, alguns relâmpagos trouxeram chuva e produziram algo duradouro.

Começo por M.

Havia conhecido M. no mês anterior. Já não tive mais a impressão de garoto franzino do momento que o vi pela primeira vez. Neste dia, ele estava muito ansioso, e me procurou para falar que não voltaria ao Núcleo de Retaguarda², onde estava internado por ordem judicial. M. estava delirante, desesperado, com planos de fugir para a rua e usar drogas. Disse que pretendia se matar. Apesar de não conhecê-lo muito bem, achei que não faria isso, mas o acompanhei naquela manhã inteira. E assim, entre o vai e vem pelos grupos, andança de dentro

do Caps até o ponto de ônibus, segurar sua mão para não esmurrar a janela ou tentar se agredir, avisei a equipe que estava no posto de enfermagem e quem estava na sala de

² O Núcleo de Retaguarda é um dispositivo de cuidados em Saúde Mental, específico para pessoas que necessitem de um espaço de internação e tratamento intensivo.

equipe que ele não estava bem. M aceitou ser medicado sem questionamentos. O Caps entra em contato com o Núcleo de Retaguarda, o qual se compromete em buscar o menino.

Durante este tempo de espera pelo transporte que o levaria, fico com M. durante o almoço e em seguida íamos escrever uns poemas e outras coisas, que segundo ele, estavam perturbando sua cabeça. Fui informada que a guarda municipal estava chegando naquele momento. E o desfecho foi uma contenção física pela guarda municipal enquanto eu segurava papel e caneta para nossa escrita.

Segundo Moura (2003, pág. 77), “um simples acontecimento poderá ter uma repercussão em maior ou menor grau, levando as suas instituições ou espaços a procurarem um rearranjo, com um maior ou menor grau de consciência, dos investimentos e dos laços sociais e multitransferenciais”. Penso na repercussão na equipe quando os eventos não são simples, não passam despercebidos, e na minha entrada nesta trama, que discuto melhor em um capítulo seguinte: Encontros em reunião.

Também me atento sobre os rearranjos que os sujeitos fazem para que seus “modos de estar” no Caps ganhem visibilidade. Alguns quebram vidros, outros fogem, ou limpam a casa, pedem para deitar, aferir a pressão, pegar uma roupa, um cafezinho fora da hora, gritam, ou silenciam.

Falo de P.

Certo dia entrei no quarto de P., morador do Caps por questões sociais e dificuldades físicas de locomoção. Começamos a conversar. Ele estava nervoso com a situação do seu dinheiro. Começou a me contar as desilusões amorosas que fizeram parte de sua vida, as

quais lhe causaram muito sofrimento, perdas financeiras e afetivas, responsáveis até hoje por sua tristeza diária. Suas histórias têm o tom das de um sambista, lembram o personagem do malandro carioca.

Fui avisada em seguida que as coisas que ele tinha acabado de me contar faz parte de seu delírio estruturado e que não existe emprego na marinha, empresas no shopping, traições, mulher ou filho. Pontuo que a tristeza de P. continua ser muito verdadeira, observando o tamanho do sofrimento de alguém que precisa manter uma história/delírio tão real como uma tentativa de explicar sua dor.

P. canta várias músicas de sua autoria, que falam sobre a mulher traidora, que nunca teve o nome citado. Considera-se alcoolista, sendo este outro tema presente em suas músicas, incluindo a visão que acredita que algumas pessoas têm a respeito de sua pessoa. Após várias conversas, passei a documentar suas músicas de P. Incentivo-o a gravá-las no grupo de música. Tempos depois P. dá uma entrevista na rádio Maluco Beleza.

Assim que cheguei das férias, P. canta uma marchinha de carnaval para mim. Digo que vou pegar uma folha para escrevermos e ele me responde que já tem uma moça muito atenciosa que escreve as músicas para ele e as guarda, para que um dia ele possa gravá-las. Então P. descreve a cena do primeiro dia que fizemos isso. Não se lembrou que esta pessoa era eu mesma, mas isso não era o mais importante.

E procuro entender a cada dia que converso com P., o significado de sensibilidade, aprendo com ele, a lição de perceber o outro, por exemplo, quando este canta música sobre olhos tristes em momentos onde parecia não transparecer minha angústia.

Encontros com E.

Numa quinta-feira, já estava de saída, quando fui abordada por E., que estava de leito-noite. Perguntou qual era minha função no Caps. Em seguida começou a me dizer que estava ali para executar uma espécie de trabalho. Contou-me que era um grande conhecedor da gnose e foi explicando calmamente sobre as dimensões, planetas e elementos exotéricos e a teoria do autoconhecimento desta seita. Eram tantas coisas, tantos nomes, lugares, que mal conseguiria reproduzir aquelas falas e muito menos organizá-las em minha mente. Porém, delegou-me a função de ser sua psicóloga auxiliar, com idéias de que seria melhor compreendido. E. tinha um antecedente de “não adesão ao tratamento”.

Após minha nomeação, uma transferência foi estabelecida? O fato é que passei a atendê-lo quase todos os dias, e depois de sua alta do leito-noite, os encontros passaram a ser semanais. Após E. decidir junto à equipe de referência qual medicação tomaria, ocupando lugar de protagonista de seu tratamento, este passa a vir nos atendimentos.

Por um tempo, os atendimentos pareciam monótonos, até que um dia pergunto sobre a gnose. Ele diz não estar com paciência para ensinar as pessoas, explica que existem três montanhas no espaço do conhecimento, sendo a terceira, a montanha do autoconhecimento. Pergunto em qual delas me encontro. Ele responde não saber. Digo a E. que qualquer que seja o lugar que estou parece que é distante dele, e por isso ficava difícil nossa comunicação. Neste momento, E. fala muitas coisas sobre o que pensa e conversamos por muito mais tempo que nossos atendimentos costumavam ter.

Refletindo em supervisão este atendimento, pude perceber em meu manejo, como que “mostrar-me em falta” permitiu que a resistência paranóica de fosse superada por E. havendo uma retomada associativa.

Grupos, dois momentos diferentes

Comecei a ir ao grupo de música desde a segunda semana no Caps. No início, era um momento muito prazeroso. Tão bom que sentia culpa por me divertir daquela forma, parecia que não era trabalho. E todas as terças lá estava eu, descendo para o Centro de Convivência Espaço das Vilas com os usuários.

Após alguns meses me retirei do grupo de música porque não consegui ver sentido em estar naquele espaço na época. Percebo minha dificuldade em valorizar a potencialidade dos Acompanhamentos Terapêuticos que fazia com os usuários até o Espaço das Vilas. Ative-me a impressão de não relação com os coordenadores da oficina, desconhecendo uma parceria “despretensiosa”, sem grandes expectativas, que se desenrolava timidamente entre os trabalhadores e usuários envolvidos naquele coletivo.

No segundo semestre comecei a “visitar” o grupo de culinária. E então fui ficando, me sentindo mais útil já que, até as dicas da minha avó no preparo de comidas tinham serventia naquele espaço. Coisas que resgatei de meu Itinerário, a partir de Oury (1991). Com o tempo passei a experimentar ser parte de um grupo formal no Caps. E foi assim,

que ocupei minhas tardes de terças-feiras, na cozinha, para os nossos experimentos das receitas escolhidas democraticamente por todos os integrantes do grupo.

Novamente tive a oportunidade de unir o trabalho à alegria num espaço de grupo, o que me possibilitou uma mudança a respeito da minha concepção de trabalho, pois eram momentos leves onde passei a aproveitar sem culpa. Além disso, minhas relações passaram a se estreitar com as coordenadoras do grupo, conferindo-me aos poucos um lugar naquele espaço coletivo, possibilitando uma aproximação com a equipe, a partir de uma abertura de ambos os lados, eu e equipe, gradativamente passando a não me referir como dois lados.

“Meio”

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

(Carlos Drummond de Andrade)

E eis que me encontro aqui. Ao meio do trabalho, para dizer sobre o meio do aprimoramento e os meios possíveis para lidar com os percalços deste caminho.

Este momento foi marcado pela ausência do meu desejo de estar na instituição em que me deparava. Instaurou-se em minhas vivências um excesso de vazios, meus anseios silenciados, ações contidas, intervenções abortadas. Para Hernandez (2004), a falta sempre é relacionada à uma retirada, onde primeiro se deu a experiência total e depois uma ruptura. No entanto, este tipo de experiência não é difícil que essa totalidade esteja apenas no plano das idealizações.

Mas quem tinha feito isso? A equipe que não me deixava entrar, os usuários que não tinham vontades? Havia uma ânsia em achar culpados para o meu sofrimento, e assim, senti-me identificada com os sujeitos que julgava estar cronificados e invisíveis. E o “diagnóstico”: os usuários não desejam.

Segundo ideias psicanalíticas, o desejo não se trata de algo a ser realizado, mas sim de uma falta nunca realizada, o sujeito é um ser faltante e pode levar uma vida procurando saciá-lo. E é por esse motivo que ele busca análise principalmente para buscar respostas e caminhos a seguir e descobre mais tarde que suas demandas nunca serão satisfeitas. Pois em todas as escolhas que fazemos revelamos um novo desejo.

Para Onocko (2001), nunca ficamos tão vulneráveis ao outro como quando não conseguimos nos enxergar. Visto isso, penso também na fragilidade que isto traz às relações entre os trabalhadores na medida em que a busca de uma culpabilização obstrui uma responsabilização por esse descontentamento.

Também surgiram outros questionamentos pertinentes para minha formação, mas com efeitos positivos nesta construção. Que prática que estava fazendo naquele lugar? O que é terapêutico? Precisa ser sempre?

Para isso, penso o “terapêutico” no contexto da saúde mental...

Entre casos e acasos com a equipe

Olhares

Olhamos de lado
e nos olha o outro,
mudo, num mundo surdo,
a nos espreitar
como se um espelho fosse
a representar, talvez,
uma outra parte do que somos.

E profundamente
vasculhamos o outro lado do outro,
a nos procurar.
E olhares outros repartimos na escuridão
pra clarear a multiplicidade de sentidos
no que olhamos (...).

"Do outro lado do outro".

(Paulo Franco)

Pensar sobre os encontros me traz uma necessidade de clarear algumas idéias que, em minha percepção, são imprescindíveis que ocorram. Pois, penso que o ato de olhar para o outro requer uma dose de coragem. O entendimento sobre o que é dito ocorre se os dialetos conseguem conversar entre si. E a compreensão advém de um certo grau de refinamento, sendo possível viabilizar a comunicação.

A partir dessas reflexões, deparo-me com o seguinte questionamento: Como eu convivi com esta equipe?

Para refletir sobre este questionamento remeto-me às ideias de Kaës (1991, pág.34) ao dizer que:

a instauração do espaço psíquico do ser-conjunto se sustenta na possibilidade de recriar a ilusão institucional, oferecendo referenciais para a aderência narcísica de seus membros, pois: a falha de ilusão institucional priva os sujeitos de uma satisfação importante e debilita o espaço psíquico comum dos investimentos imaginários que vão sustentar a realização do projeto da instituição

E ainda: “Somos arrastados na rede da linguagem da tribo e sofremos por não conseguir que a singularidade de nossa da nossa fala se faça reconhecer. (Ibdem)

Penso que de alguma maneira fui privada de uma ilusão institucional. Será que pelo fato do lugar de aprimoranda (que implica num “não-lugar”? Meus investimentos imaginários voltaram-se mais aos usuários que a instituição? Não foi oferecido ou não recebi os referenciais para que eu pudesse aderir narcisicamente suas propostas, suas ilusões? O Caps (e as instituições em geral) não são também “Dons Quixotes” grupais?

Encontros em reunião

O espaço das reuniões de equipe foram de extrema importância para minhas reflexões sobre minhas vivências.

A discussão que houve na primeira supervisão institucional que eu estava contemplou a minha situação de ser uma pessoa nova naquele lugar. Foi levantada uma questão sobre a comunicação entre os trabalhadores da equipe, sendo dito pela supervisora, o quanto era difícil a compreensão de alguns códigos que parecia ser usado por todos, mas que não era garantido que era inteligível a todos. Particularmente, eu partilhava esse mesmo

questionamento e estava no lado de quem não entendia algumas coisas e tinha dúvidas de que era entendida.

A segunda supervisão institucional coincidiu com o dia do encontro com M. que descrevo acima, ressaltando que foi um momento marcante da minha entrada na equipe. Ainda não conseguia organizar a forma como falaria sobre o que acabara de acontecer, pois para mim cada detalhe era importante. E então, como discordar de um manejo que parecia ter sido tomado com tamanha certeza?

Inicialmente, a discussão era sobre a falta de preparo de alguns trabalhadores para realizar a contenção física. No entanto, a equipe é convocada a pensar sobre a entrada de pessoas novas quando a supervisora atenta que esse fator está sendo visto como um entrave, como um motivo para que os sujeitos se sintam desafinados em relação às suas práticas de trabalho, de manejos. Esta contenção física me assustou, conferindo-me um aspecto contido em minha relação com a equipe ao longo do aprimoramento.

No decorrer do ano, a equipe foi passando por momentos de auto-reflexão importantes para o processo de trabalho e relações interpessoais. Considero como um disparador para este processo, o convite feito à gestão para uma aproximação com os trabalhadores e seu cotidiano, (somado à maturação de uma gestão recente), possibilitando que o grupo falasse de si e as questões pertinentes às relações envolvidas ali.

Outra ocasião relevante, foi uma tarde de mais uma supervisão institucional na reunião de equipe. Havia um nó sobre o que seria discutido naquele dia, e assim, chegou-se a um assunto: qual seria o motivo pelo qual algumas pessoas não estavam se sentindo bem no cotidiano do trabalho? Para algumas pessoas, estaríamos nos falando de uma forma

muito agressiva pelos “corredores”. Para outros, não haveria este problema. Foi sugerido pela supervisora que cada um da equipe passasse a falar em primeira pessoa. Com isso, minha opinião foi que eu não enxergava esta forma de agressividade nas conversas, porém ficava em evidência a dificuldade de dizer certas coisas, como se sempre precisássemos conversar “cheio de dedos” uns com os outros, e isto dificultava muito nossa relação, pairando um tanto de não ditos. Assim, achava que talvez devêssemos falar certas coisas, ainda que houvesse discussões.

Após esta fala, houve um momento difícil na equipe, onde as opiniões controversas alteraram os ânimos, dificultando uma escuta sensível do outro, por parte dos participantes daquela reunião, sentindo-me constrangida e diretamente atacada. Ao sair da sala, busquei por P., usuário que conto acima, para me acalmar. Contudo, também tive um acolhimento de uma integrante de minha mini-equipe que possibilitou a chance de que meu sofrimento fosse escutado, repercutindo uma nova postura frente à equipe, onde passei a me autorizar mais, e ter um sentimento de pertença em relação à mesma.

Na última supervisão institucional, a supervisora fez menção a grupos sujeitos³ ao referir-se à dificuldade que se instala quando isto se torna um entrave para a comunicação entre as mini-equipes, onde cada uma comporta-se como detentora de uma verdade, de um saber que os outros não têm sobre algo, e traz a sensação de ser necessário um “aval” para intervir em situações onde os usuários envolvidos não são de sua respectiva referência. Como se houvesse um fantasma da referência.

³ Um grupo que capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações, dos tipos de prestígio que são difundidos. A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que passa em torno deles. (*Félix Guattari e Suely Rolnik, Micropolítica – Cartografias do desejo, Petrópolis, Vozes, 1993*).

Reflexões sobre a viagem

De qual vida estamos falando ao pensar nos protagonistas da convivência?

O dia-a-dia na convivência como parte do tratamento pode ter a função de promover saúde na medida em que está implicada em promover a reabilitação psicossocial (Pitta, comprometida com um aumento da autonomia do sujeito. Portanto, é necessário que haja uma constante revisão dos Projetos Terapêuticos Individuais de modo a contemplar a singularidade de cada pessoa inserida neste serviço de tratamento.

Levando algumas questões sem pretensões de respondê-las neste momento, mas para dividir minha reflexão e angústia: Será que o processo de trabalho, as demandas diárias, faz com que o trabalhador não consiga ver muita importância nesses arranjos que surgem no cotidiano com os pacientes? “Desinteresse” ou falta de tempo? O que é importante quando se trabalha num serviço de saúde e todas as obrigações burocráticas exigidas?

A respeito dessas questões, Andrade (2007) nos atenta que “Precisamos então, mexendo em nossas caixas de ferramentas e de instrumentos, cuidar para que não nos tornemos novos cronificadores, novos assistencialistas ou novos instrumentos da medicalização e do falso cuidado desses sujeitos com os quais criamos novos ambientes e novos espaços de tratamento (p.91)”.

E ainda, Onocko Campos (2009, pág. 136) fala sobre as resoluções de certos problemas e questões nas Instituições:

“Pensar que os espaços institucionais são permanentemente atravessados pela força da sublimação, permite-nos compreender melhor suas potencialidades e reverberações e entendê-los como fonte de prazer e de sofrimento, de criação e de frustração, características que lhes são constitutivas e não “patológicas” ou excepcionais. Esta nova leitura permite posicionar o Planejamento a partir dos dilemas distintos que lhe são apresentados, e compreender que ele não pode se sustentar somente na fantasia de servir para resolver TODOS os problemas identificados.”

Arrumando as malas para a volta

Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas,
que já tem a forma do nosso corpo,
e esquecer os nossos caminhos,
que nos levam sempre aos mesmos lugares.
É o tempo da travessia:
e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado,
para sempre, à margem de nós mesmos.

([Fernando Pessoa](#))

Arrumar uma mala para retornar de uma viagem é menos incitante do que prepará-la para a ida. Percebemos que os nossos pertences não cabem mais da mesma forma de quando arrumamos na partida, onde tudo estava limpinho e tinha o lugar certo em cada “espacinho” da mala. Entretanto, quando vamos recolhendo os pertences, é possível sentir o cheiro na roupa usada dos lugares onde visitamos, e então, lembramos das pessoas que conhecemos, das conversas, as comidas, coisas que compramos no caminho, outras que demos aos conhecidos, e nas fotos que ficarão.

Talvez minha escolha em ficar na convivência tenha sido a via para um aprendizado indispensável que é conviver em equipe e como lidar com os resultados dessa relação.

Não retorno para o mesmo lugar. Não quero morrer nem viver como Dom Quixote, fico satisfeita no “entre” desses dois lugares.

Bibliografia

Araújo, C. A. S. O ambiente em Winnicott. Winnicott E-Prints, v. 4, p.35-49, 2005.

Andrade, J. M. P. A Reforma Psiquiátrica no Cotidiano II. O Risco como Potencialidade no Trabalho com Saúde Mental. Campinas: Editora Hucitec, 2007.

Baremblytt, G. Introdução à Esquizoanálise. In: Coleção Esquizoanálise e Esquizodrama. Belo Horizonte: Biblioteca do instituto Félix Guatarri, 1998.

Cervantes, M. Dom Quixote. Trad. Almir de Andrade e Milton Amado (vol. 2); Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998.

Franco, P. Do outro lado do outro, pág. 68, Editora Espaço Editorial, 2007.

Campos, G. W. S. a clínica do sujeito: por uma clínica reformulada e ampliada. In: Saúde Paidéia (Campos, G.W.) São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

Guattari F.; Rolnik S. Micropolítica – Cartografias do desejo, Petrópolis, Vozes, 1993).

Hernandez, J. O duplo estatuto do silêncio. Instituto de Psicologia Usp, 2004.

Kaës, R. Realidade psíquica e sofrimento nas instituições. In: Kaës, R.; Bleguer, J.; Enriquez, E.; Fornari, F.; Fuster, P.; Roussillon, R. & Vidal, J.P. (orgs) – A instituição e as instituições. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Casa do psicólogo, 1991.

Moura, A. H. A Psicoterapia Institucional e o clube dos saberes. São Paulo: Editora Huicitec, 2003.

Nasio, J. D. Objeto da Fantasia In: A criança magnífica da psicanálise o conceito de sujeito e objeto na teoria de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1980 p. 64-83.

Oury, J. Itinerários de Formação. Trad. Jairo I. Goldberg. Revuè Pratique, n. 1, p. 42-50, 1991.

Pereira, C. R. O fator ambiental no desenvolvimento emocional primitivo, Disciplina; Winnicott na história da Psicanálise, 2010.

Pitta, A. reabilitação psicossocial no Brasil. São Paulo. Editora: Hucitec, 1996.